

Um século de imigração japonesa

No início a difícil adaptação, hoje uma consagrada população influenciadora de costumes, cultura, culinária e modo de vida para o povo brasileiro

Por Karen Rodrigues

No próximo dia 18 de junho, comemoram-se os 100 anos da chegada dos primeiros imigrantes japoneses no Brasil. As homenagens ao centenário, realizadas pelas frentes envolvidas na organização da comemoração, têm proporcionado aos descendentes e brasileiros a chance de conhecer um pouco mais da história, arte, cultura e a exótica culinária japonesa. Após um longo período de adaptação aos costumes do ocidente, os orientais conquistaram espaço e, hoje, sua população chega a aproximadamente 1,5 milhão de nipo-brasileiros.

Há 100 anos...

Os primeiros imigrantes japoneses chegaram ao Brasil a bordo do navio Kasato Maru. Segundo Célia Oi, coordenadora de comunicação da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, a imigração resultou da conjunção de necessidades entre os dois países. "O Japão enfrentava problemas socioeconômicos, resultado do acelerado processo de industrialização e do elevado índice demográfico. O Brasil, especialmente o Estado de São Paulo, buscava mão-de-obra para o cultivo do café. Assim, a alternativa dos imigrantes japoneses passou a ser considerada uma saída", explica.

Assim que chegaram, os japoneses tiveram dificuldades com os costumes do Brasil e, principalmente, com a alimentação e a língua portuguesa. "É importante ressaltar que o tipo do



sistema de cultivo e o clima eram diferentes", diz Célia. No período de 1908 a 1941, início da Segunda Guerra, vieram cerca de 188 mil japoneses. Após esse tempo, houve um rompimento das relações diplomáticas entre os dois países cessando a vinda dos imigrantes. Só a partir de 1953, o processo imigratório teve retorno, e a partir dessa data até 1973, fase denominada de pós-guerra, chegaram mais 53 mil imigrantes. "Uma diferença fundamental com a primeira fase é que, antes, os imigrantes eram agricultores destinados para trabalhar na zona rural. No entanto, na segunda fase, além dos agricultores, havia também técnicos especializados, destinados para as indústrias", informa Célia.

Maurício Hideichi Sato recorda que na sua infância, na época do primário, por volta do ano de 1963, o Governo Federal não permitia que os descendentes japoneses tivessem contato com o estudo da língua japonesa. "No primeiro dia de aula éramos questionados se nós estudávamos japonês, mas já tínhamos sido orientados a responder que não, senão seríamos expulsos do colégio", afirma. Nascido em Bastos, oeste paulista, em 1956, Sato relembra que a região foi a que mais

sofreu mais com a repressão por ser um local onde se concentrava grande número de japoneses. Ele conta que na infância de sua mãe, na década de 40, era ainda pior, porque não era permitido ter nada relacionado à língua e à cultura japonesa. Isso se deu porque o Brasil era aliado dos EUA na guerra, e como o Japão estava contra os americanos, os japoneses e descendentes sofreram repressão.

De acordo com a coordenadora, a maioria dos imigrantes, principalmente os que chegaram no período

anterior à guerra, tinham como objetivo ganhar dinheiro e retornar ao Japão o quanto antes. Como esse sonho foi conquistado apenas por uma pequena parcela, os demais buscaram o trabalho independente, nas frentes de expansão agrícola em direção à zona oeste do Estado de São Paulo. Passado algum tempo, os japoneses começaram a mudar para as cidades, para montar pequenos comércios. "Depois da Segunda Guerra, com a expansão urbana, também se intensificou o processo de êxodo rural dos imigrantes japoneses", explica Célia.

Testemunho da imigração japonesa

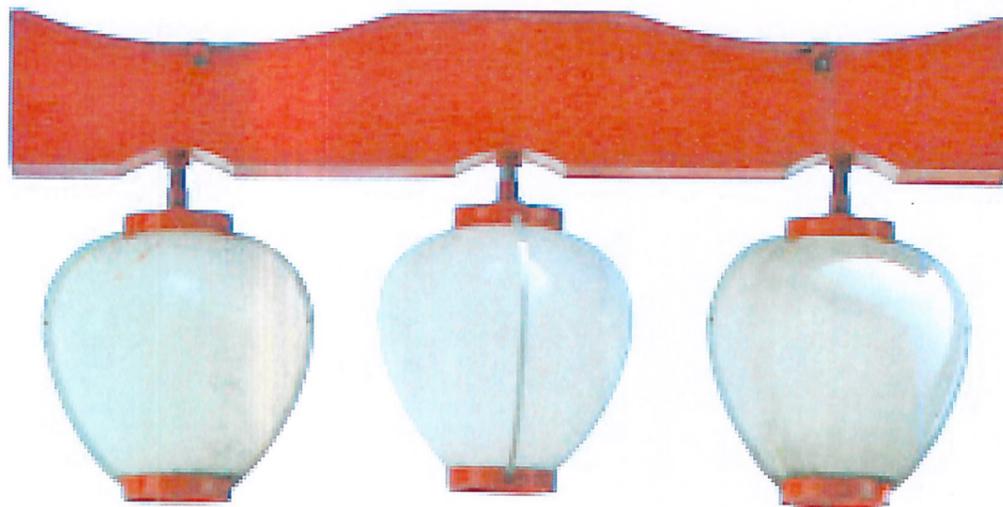
A vida difícil no Japão e o incentivo do governo para os imigrantes foram os motivos que levaram a família de Tomoyoshi Ichikawa a deixar a cidade de Fukuoka, em 1929, e embarcar no navio Bueno Aires, rumo ao Brasil. Ichikawa veio do Japão com seus pais e três irmãos. Na época, tinha nove anos e lembra que quando a sua família chegou ao porto de Santos, pegaram um trem e foram para Cafelândia, interior de São Paulo. Chegando à cidade, foram morar em Três Barros, onde trabalharam em lavouras de café, em um sítio do primo do seu pai.

Ainda no interior do Estado, Tomoyoshi frequentou a escola, e estudou até a quarta série do primário. Nesse período, teve que se esforçar para se adaptar à língua e aos costumes do País. Aos 13 anos, abandonou os estudos para também ajudar na lavoura. Com o tempo, a família economizou e comprou um sítio próximo de onde moravam. Tomoyoshi deixou sua família e foi para Lins, onde aprendeu a conser-

O casal Tomoyoshi Ichikawa e Tiyoka Ueda dão testemunhos da vida em São Paulo



Arquivo Pessoal



tar motores, geradores, enfim, eletroeletrônicos. Para entender melhor o ofício, comprava manuais e, sozinho, estudava para aprender. Além dos livros, o imigrante também contava com o apoio do dono da oficina na qual trabalhava.

Anos mais tarde, seus pais venderam o sítio para ir morar na cidade. Ele voltou a morar com eles em Cafelândia, abriu sua própria oficina e ensinou a profissão para seu irmão Hirayuki. Passado um período, montou um comércio juntamente com a oficina de consertos. Em outubro de 1949, Tomoyoshi casou-se com a nissei Tiyoka Ueda, com quem teve seis filhos. De acordo com a sua filha Neusa Massako, seu pai sempre foi muito rígido na educação dos filhos. "A rigidez da criação valeu a pena. Hoje estamos todos muito bem encaminhados", afirma.

Segundo Neusa, seu pai tem hoje 87 anos e a mãe 83. Ambos continuam em Cafelândia, e seu pai ainda trabalha no comércio. Ela conta que nas festividades da passagem do ano, a família sempre se reúne e comemora mantendo as tradições japonesas.

Influência oriental

A relação entre Brasil e Japão, na opinião da coordenadora Célia, é boa, embora em alguns momentos seja possível detectar resquícios de preconceito. "Com o passar dos anos, os imigrantes e seus descendentes conseguiram ocupar um importante espaço na sociedade brasileira, seja através das diferentes atividades profissionais, nesse sentido inclui-se a agricultura, seja através do alto nível de escolaridade", afirma.

Para Célia, o fato da cultura japonesa se encontrar bastante inserida na sociedade ocidental é decorrente de uma circunstância "espontânea", dado ao interesse pessoal do público consumidor. "Acho que a culinária e os mangás, por exemplo, são uma faceta desse relacionamento que, na realidade, cresce e se intensifica não por conta de medidas de governantes", acrescenta.

A culinária japonesa conquistou muitos adeptos no ocidente. Dentre os motivos da aceitação estão a suavidade do sabor da comida e os benefícios que ela proporciona à saúde. Atualmente, existem mais de 600 restaurantes japoneses em São Paulo.

A arte nipônica também se tornou mania no Brasil, graças aos mangás e animes. Os brasileiros aficionados pelos "personagens de olhos grandes" geralmente se reúnem em eventos, nos quais a principal atração são os *cosplays*, fãs caracterizados como os seus personagens favoritos.

Ainda segundo a coordenadora, existe um outro aspecto importante desse relacionamento espontâneo: os trabalhadores brasileiros que estão no Japão. "Hoje há um cálculo de 320 mil pessoas no Japão. A ida se deu devido à crise financeira brasileira". A mão-de-obra barata e abundante chamou a atenção das empresas japonesas e, com isso, o governo do país modificou a lei de imigração permitindo a entrada legal desses trabalhadores. "Atualmente, após mais de 20 anos do início desse movimento, estão sendo discutidos conjuntamente alguns problemas jurídicos e trabalhistas", conclui Célia.

Caminho inverso

O sonho de conquistar a estabilidade financeira faz com que muitos brasileiros deixem o País rumo à Terra do Sol Nascente, em busca de trabalho. Esse foi o motivo que levou a jovem Tatiana Kimura a trilhar o caminho para o "Eldorado" há dez anos. Ela mora com o marido na cidade de Hamamatsu-shi, no estado de Shizuoka-ken, e trabalha das 8h às 17h em uma fábrica onde faz checagem de cada peça para que não vá com defeito para o cliente. Na rotina, ela ainda dedica um tempo para a academia, freqüentada por brasileiros, e assiste à Globo Internacional.

japoneses, tanto na moradia quanto no trabalho. Há um choque entre as duas culturas", afirma.

A jovem diz ainda que há várias imposições aos brasileiros, o que tem tornado mais difícil guardar dinheiro. "Muitos estão somente ganhando para viver bem aqui. O Japão, na verdade, é uma ilusão". Apesar de ter ido atrás de uma melhor perspectiva de vida, Tatiana confessa



Gabriel Imamine

Questionada sobre como os brasileiros são vistos no Japão, Tatiana afirma que há muita discriminação, principalmente quando o brasileiro é mestiço ou puro. "O brasileiro é visto como um mal necessário. Muitos não sabem o idioma, o que torna difícil a integração na comunicação japonesa. Os brasileiros também não respeitam muito as regras impostas por

que têm planos de voltar para o Brasil. "Estou grávida e não quero que meu filho seja educado no Japão devido à deficiência das escolas brasileiras que existem aqui. Já a escola japonesa é muito boa, mas será difícil para as crianças quando retornarem ao Brasil", conclui.

Bairro da Liberdade

Um pedacinho do Japão no Brasil. Assim é caracterizado o bairro da Liberdade, considerado um dos pontos turísticos da capital paulista, local onde a cultura oriental se faz presente em todos os lugares. Ao caminhar pelas ruas estreitas da região, não há como não notar as típicas lanternas orientais *suzuranto*. Também é comum deparar com uma miscelânea de idiomas orientais e letreiros verticais escritos em *kanji* (ideograma). Na principal rua da Liberdade, a Galvão Bueno, além de lojas e galerias que oferecem várias opções de produtos relacionados aos mangás, restaurantes e bares orientais, é possível também visitar um

pequeno jardim oriental.

A Praça da Liberdade é cenário de diferentes manifestações artísticas orientais como apresentações de cantores e a dança folclórica *bon odori*. Nos finais de semana, o movimento na praça é ainda maior devido à feira, na qual pode-se encontrar de tudo: produto indiano, barraca de acarajé, bijuteria, artesanato e, é claro, qualquer artigo japonês.

Para os amantes da gastronomia oriental, a região é o local mais indicado. Há uma variedade de restaurantes para todos os gostos e bolsos. Outro atrativo da região é o *Torii*, um portal vermelho enorme que marca a entrada do bairro. De acordo com o historiador e pesquisador dos imigrantes japoneses no Brasil, Rogério Dezem, os primeiros imigrantes japoneses chegaram ao bairro em 1912. "Alguns vinham do interior de São Paulo, outros da cidade de Santos, indo habitar os minúsculos porões da rua Conde de Sarzedas, marco zero dos japoneses no bairro", explica.

